

ESTE É O VOSSO O CULTO ESPIRITUAL

Uma reflexão a partir de Rm 12,1-2

Frei José Arioaldo da Silva, OFM

Sempre me chamou a atenção esta exortação do apóstolo Paulo: “Eu vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, que vos ofereçais em vossos corpos, como hóstia viva, santa, agradável a Deus. Este é o vosso culto espiritual. Não vos conformeis com os esquemas deste mundo, mas transformai-vos pela renovação do espírito, para que possais conhecer qual é a vontade de Deus, boa, agradável e perfeita” (Rm 12,1-2).

Em outras palavras, para Paulo, qual é o culto que realmente agrada a Deus? É colocarmo-nos por inteiro (entregar-nos em nossos corpos) a serviço do projeto de Deus vivido por Jesus, o Filho de Deus; entrar no caminho de Jesus como discípulos missionários seus, assumindo e assimilando sua postura ética de justiça, de paz, de respeito e solidariedade com os pobres, de empenho por vida digna para todos; converter-se e mergulhar de cabeça no Espírito de Deus e produzir frutos como caridade, alegria, paz, longanimidade, afabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, moderação (cf. Gl 5,22); colaborar para que o grande sonho de Deus se realize sobre este planeta terra, isto é, que a vida seja de fato soberana.

O sentido originário da palavra “culto”, como nós a usamos hoje, pode nos orientar a entender melhor o que se quer dizer com “culto espiritual agradável a Deus”. A palavra “culto” vem do latim (“cultus”). E “cultus” é o particípio passado do verbo latino “cólere”, que significa cultivar. Daí vem a palavra “colono” (a pessoa que cultiva, isto é, que trabalha a terra). Uma “pessoa culta” é uma pessoa que cultiva a ciência, o saber. E “cultuar” Deus (prestar culto a Deus), o que significa? Significa cultivar (viver) no dia a dia, pessoal e comunitariamente, na celebração e na vida, o Espírito de Deus, isto é, aquilo que Deus mesmo é: Amor. Na verdade, como diz Paulo, se, em tudo que eu fizer, eu não cultivar o amor, então nada sou (cf. 1Cor 13,1-13).

A partir da compreensão de “culto espiritual” como compromisso amoroso com os irmãos e irmãs, a exemplo de Jesus, é que o apóstolo dá uma chamada de atenção à comunidade de Corinto (cf. 1Cor 11,1-34). Pois muitos membros da comunidade não iam para as suas reuniões para assimilar (comer e beber) a ceia memorial da Páscoa do Senhor e, assim, cultivar o Amor solidário de Cristo que se entrega totalmente a nós. Eles iam, sim, com outras finalidades, interesseiras e até vergonhosas para um cristão, pois “cada um se adiantava a comer a sua própria ceia e, enquanto um passa fome, outro está bêbado” (v. 26). Em vez de celebrar a Páscoa e se comprometer com ela, iam simplesmente para “massagear” seu próprio egoísmo e “engordar” sua falta de solidariedade. Resultado: Divisões dentro a comunidade, com graves prejuízos para a vida de seus membros (cf. vv. 17-22). Numa palavra, mesmo participando das reuniões cultuais, não se vivia um “culto espiritual”.

Na história da Igreja (e ainda hoje!), muitas Eucaristias deixaram de ser vividas como momento privilegiado de fortalecimento de uma espiritualidade comprometida com a vida, pela comunhão com a entrega de Cristo (a hóstia viva por excelência, santa, agradável a Deus) para viver aquilo que Paulo chama de “culto espiritual agradável a Deus”. Muitas missas (e outras celebrações também: batismo, matrimônio etc.) foram (e ainda são!) oportunidade antes para justificar e cultivar os “esquemas deste mundo”, egoísmos sob diferentes máscaras. Não transformam, não convertem, não comprometem. “Por isso que há entre vós muitos doentes e débeis e muitos adormecidos”, alerta o apóstolo (1Cor 11,30). Divisões, violências, preconceitos, corrupção, mortes, extermínios, fome, misérias, perpetrados em sociedades ditas cristãs, são um indício de que algo de errado esteve (ou está) acontecendo na forma e no espírito com que se participa da ceia memorial do Senhor.

Se pelo Batismo fomos chamados a formar em Cristo um só Corpo (1Cor 12,12-31), a ser família de Deus e templo do Senhor (cf. Ef 2,11-22; 1Cor 3,16-17 e 6,19-20), cumpre-nos enfrentar este desafio: Celebrar bem a divina Liturgia, de tal maneira que realmente nos deixemos transformar por seu espírito e, assim, vivamos a vontade de Deus, boa, agradável e perfeita. Este é o culto que Lhe agrada. E os pobres com certeza agradecem.

Perguntas para reflexão pessoal ou em grupos:

- 1) Como melhor podemos honrar a Deus? O que mais Lhe agrada?
- 2) É importante ir à Igreja, participar das missas e outras celebrações? Por que? 3) Para quem a gente vai à Igreja, participa das missas e outras celebrações?
- 4) O que significa “culto espiritual”?
- 5) Quando é que, mesmo indo à Igreja e participando das celebrações, deixamos de honrar a Deus?
- 6) As celebrações litúrgicas de sua comunidade possibilitam viver um “culto espiritual”? Por quê? O que nelas é preciso melhorar?

Fonte: <http://www.itf.org.br/index.php?pg=anopaliturgia2>

Antônio Alves de Melo – Opção preferencial pelos pobres e excluídos: Do Concílio Vaticano II ao Documento de Aparecida 21-39

OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES E EXCLUÍDOS:

Do Concílio Vaticano II ao Documento de Aparecida

Pelo Pe. Dr. Antônio Alves de Melo

Síntese: A questão pobres/pobreza/Mistério Santo presente nas religiões, adquire no cristianismo conotação peculiar em virtude de sua relação com Jesus Cristo, sendo possível fundamentá-la na cristologia, na eclesiologia e na doutrina sobre a Trindade. A aspiração por uma “Igreja dos pobres” vem à tona durante o Vaticano II, ecoa nos documentos conciliares, atinge sua explicitação madura nas conferências gerais do Celam com a opção preferencial pelos pobres afirmada em Medellín (1968), confirmada em Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Nesta última, ela adquire conotação peculiar devido ao contexto mundial e continental. O desafio que agora se põe é o de como vivenciá-la em situação tão adversa. O artigo oferece algumas indicações.

Abstract: The issue of the poor/poverty/Holy Mystery present in all religions acquires a peculiar connotation in Christianity in view of its relation with Jesus Christ: it is possible to find its basis in Christology, Ecclesiology and in the doctrine about the Trinity. The hope for a “church of the poor” comes to light during the Vatican II, echoes in the Council documents, reaches its mature explanation in the general assemblies of the Celam with the preferential option for the poor stated in Medellín (1968), confirmed in Puebla (1979), in Santo Domingo (1992) and in Aparecida (2007). In the latter, it acquires a peculiar connotation because of the international and continental context. The challenge we now face is how to put it into practice in such an adverse situation. In reply to this question, the present article puts forward some suggestions.

Fonte:

<http://www.itf.org.br/index.php?pg=conteudo&revistaid=6&fasciculoid=212&sumarioid=3043>

Luiz Carlos Susin e Érico João Hammes – A Teologia da Libertação e a questão de seus fundamentos: em debate com Clodovis Boff 277-299

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A QUESTÃO DE SEUS FUNDAMENTOS

Síntese: Este artigo debate com Clodovis Boff as suas afirmações de que a Teologia da Libertação acabou por inverter a relação entre Deus e o pobre, colocando o pobre no lugar de Cristo. Em réplica, aqui sustentamos que o pobre não é apenas uma decorrência cristológica, mas antes um “lugar teológico” privilegiado para compreender Cristo e Deus do ponto de vista da teologia cristã, inclusive seu teste de veracidade. O artigo debate também a metodologia de Clodovis, que segue uma lógica linear, de sabor escolástico, e não considera suficientemente a complexidade do círculo hermenêutico e a tradição bíblica que obriga a incorporar o paradoxo e o escândalo da quenose como categoria bíblica. Por fim, a categoria de quenose não pode se ater a uma memória textual, mas entra em círculo hermenêutico com a quenose atual dos pobres e de todos os que estão em situação de vulnerabilidade, aos quais é dado o Reino de Deus.

Abstract: This article engages in a debate with Clodovis Boff with regard to his statements that the Theology of Liberation, by replacing Christ with the poor, ended by inverting the relationship between God and the poor. In refutation of this, we affirm here that the poor are not just a christological consequence but more a privileged “theological place” to understand Christ and God from the point of view of christian theology, and even to test their veracity. The article also disputes Clodovis’ methodology which, in our view, follows a linear logic of a somewhat scholastic flavour, and does not take into sufficient consideration the complexity of the hermeneutic circle and the biblical tradition that forces us to incorporate the paradox and the scandal of the kenosis as a biblical category. Finally the category of kenosis cannot be limited to a textual memory; it enters into a hermeneutic circle with the present kenosis of the poor and of all those who are still in a situation of vulnerability and to whom the Kingdom of God is given.

Fonte:

<http://www.itf.org.br/index.php?pg=conteudo&revistaid=6&fasciculoid=213&sumarioid=3054>
REB - Nº: 270 Volume: 68 Data: Abril 2008